

NOTICIÁRIO

TREMEMBÉ GUARDA LEMBRANÇA DOS TRAPISTAS

Há 50 anos se encerrava uma tentativa de implantar no Brasil a mais rigorosa ordem monástica da Igreja Católica, os trapistas. Hoje só resta o imponente mosteiro — agora sede de fazenda — no município de Tremembé, SP, onde os trapistas fizeram experiências agrícolas que tiveram muita importância na economia do Vale do Paraíba.

Em março de 1931 foi vendida a fazenda Maristela e em seguida partiu para a França o último grupo de religiosos trapistas, depois de uma frustrada tentativa de se estabelecer no Brasil. A experiência tinha-se iniciado em 1904 e durante todo esse tempo de sua permanência no País essa ordem religiosa não conseguiu nenhuma vocação brasileira.

Os trapistas fixaram-se numa fazenda de 2.500 hectares no município de Tremembé, nos contrafortes da serra da Mantiqueira, onde construíram muitas casas de tijolos para os colonos, igrejas, ranchos, açudes e até uma usina hidrelétrica, sendo na época uma das poucas propriedades rurais que tinham esse benefício. Todas essas instalações, aliadas a modernas técnicas agrícolas que os trapistas trouxeram da Europa, fizeram uma revolução na agricultura do Vale do Paraíba. A região, que no início do século estava com suas lavouras estagnadas por causa da crise do café, teve um novo impulso em diversos setores agrícolas, principalmente a plantação de arroz, que antes era até considerada inviável para a região, tendo fracassado algumas experiências feitas por técnicos do Estado em 1905, no atual município de Moreira César.

Os trapistas de Maristela empregaram técnicas tão eficazes que, já em 1908, a produção daquela fazenda era de dez mil sacas anuais e, em 1918, a rizicultura tomou conta da região, passando as duas margens do rio Paraíba, desde Jacareí até Guaratinguetá, a ser cultivadas pelos processos agrícolas dos padres. A produção era tão grande, que mesmo durante a Primeira Guerra Mundial, quando grande a escassez de alimentos, o Brasil exportava arroz. O convento era visitado habitualmente por importantes personalidades nacionais, que iam conhecer a técnica dos trapistas e estes conseguiram até um ramal da então Estrada de Ferro Central do Brasil para transporte de seus produtos. Assim é que, no apogeu dessa produção econômica, trabalhavam naquela fazenda cerca de 300 colonos, enquanto no mosteiro residiam 49 religiosos, dos quais 20 eram sacerdotes, todos europeus, na maioria franceses.

No entanto, as vocações não vinham. Os poucos rapazes que entravam para a ordem desistiam logo que chegavam ao noviciado. Diante da falta de vocações, os superiores dos trapistas resolveram chamá-los de

volta à França, de onde tinham vindo. Em 1927, partiu o primeiro grupo de religiosos, e, em março de 1931 a experiência dos trapistas no Brasil se encerrou definitivamente, com a partida dos últimos monges.

Mas por que a ordem dos trapistas, que fez tanto sucesso econômico, não conseguiu vocações, condição necessária para que ela prosseguisse no Brasil? Para Emílio Amadeu Beringhs, hoje com 81 anos, e que conheceu bem os trapistas, a causa seria o rigor da ordem, que exige silêncio absoluto entre seus membros, vida de sacrifícios e, até, confissão dos pecados em voz alta. Para ele, isso estaria em desacordo com o modo de ser do brasileiro.

Já o padre Darci Dutra, professor da Faculdade de Teologia de Taubaté, acha que a ordem, por ser muito rigorosa, atrai pelo contraste com uma sociedade industrial e abastada, o que não era o caso da época em que os trapistas se estabeleceram no Brasil. O padre Dutra cita o exemplo dos Estados Unidos, em que a ordem é a antítese da sociedade de consumo americana e onde os monges trapistas têm muitas vocações.

Da ordem, hoje, só restam algumas construções da fazenda e a imponente sede, cuja frente lembra um castelo medieval. Ali se destacam os corredores do claustro com seus arcos semigóticos e jardins, tudo ainda intacto, sendo esta a parte arquitetônica considerada mais importante no antigo mosteiro. Essa construção é tida como das mais belas sedes de fazenda da região.

(O Estado de S. Paulo, 12/3/1981.)

*

TRICENTENÁRIO DE TELEMANN

O dia 14 de março do corrente ano assinalou o terceiro centenário do nascimento de uma das maiores figuras da história da música: Georg Philipp Telemann, nascido em Magdeburgo e falecido em 1767, aos 86 anos, em Hamburgo, menos de vinte anos depois do grande João Sebastião Bach. “Autodidata, famoso e prolífico”, como a ele se referiu a única notícia que vi, relativa à sua efeméride tricentenária, deixou, de fato, uma obra imensa, tanto sacra como secular, e alcançou, ainda em vida, a consagração que em geral só mui tardiamente sorri aos grandes gênios. Seu contemporâneo Mattheson, num jogo de comparações, dizia que “se Lully é célebre e Corelli deve ser louvado, só Telemann está acima de todo elogio”. Isto escrevia Mattheson em 1740, quando Telemann ainda estava longe de realizar toda a sua obra. Schubart (não Schubert), também seu contemporâneo, considerava-o “mestre sem igual” e o musicólogo Riemann afirmava que ele era o tipo mais perfeito do compositor alemão de profissão, isto é,

que “escrevia com uma rapidez espantosa obras correspondendo exatamente às necessidades do momento”.

Não sei que terão as organizações musicais do Brasil programado para comemorar o tricentenário do grande músico, para que ele não se torne o “esquecido Telemann” a que se referia o Sr. Frederico Mengozzi em artigo estampado em “O Estado de S. Paulo” no próprio dia 14. Talvez fosse mais correto considerá-lo ignorado e não esquecido. Durante mais de trinta anos em que fui freqüentador assíduo de concertos, raríssimas vezes (duas ou três, se tanto) vi obras de Telemann figurando nos programas. Seu conhecimento restringia-se (e ainda se restringe) aos possuidores de discos, pois sob este aspecto o compositor alemão tem sido bastante beneficiado. O elenco das gravações de suas obras ocupa quatro colunas do catálogo Schwann e, como é sabido, este catálogo arrola somente gravações feitas ou reproduzidas nos Estados Unidos. Há de se considerar, pois, ainda, a grande soma de gravações européias que não “mereceram as honras” de reprodução na América. É oportuno, ainda, lembrar que mais de quarenta obras de Telemann encontram-se reproduzidas no Brasil, especialmente suas suítes e concertos para diversos instrumentos. Mas, como frisei, tudo isso restrito aos privilegiados que podem ter discos. Nos concertos, Telemann continua, de fato, ignorado.

Suas obras mais importantes são as óperas **Pimpinone** e **A paciência de Sócrates**, o oratório **Dia do Juízo**, as cantatas **Inno**, **O Mestre-Escola**, **do Canário**, **As Horas do Dia**, **A Felicidade**, **Alegria campestre**, as de Natal (várias) as **Paixões** segundo Mateus e Marcos, e uma soma considerável de concertos, suítes, sonatas, quartetos, coroando tudo com a monumental **Tafelmusik**, cuja gravação integral demandou seis discos, lançados na Alemanha pela Telefunken na preciosa série “Das Alte Werke” (Obras Antigas).

“Autor de transição entre Bach e Mozart”, como o classificou o Sr. Mengozzi no artigo de “O Estado”, a que de início me referi, Telemann ficou, de fato, muito tempo esquecido. Basta dizer, que antes do aparecimento das gravações em microsulco, o que dele havia era apenas um quarteto, excerto da **Tafelmusik**, editado em França pela antiga “Anthologie Sonore”. Hoje, contudo, a situação é bem outra, como procurei mostrar: é dos compositores mais conhecidos mas... apenas dos discófilos. (ONM)